



suplemento

ACRE

nostra 008 OUT NOV DEZ
grupo EDIÇÃO



ACRE
SUPLEMENTOACRE.
BLOGSPOT.COM

 AMEOPoEMA



ACRE
SUPLEMENTOACRE.
BLOGSPOT.COM

 AMEOPoEMA



ACRE
SUPLEMENTOACRE.
BLOGSPOT.COM

 AMEOPoEMA



editorial 001

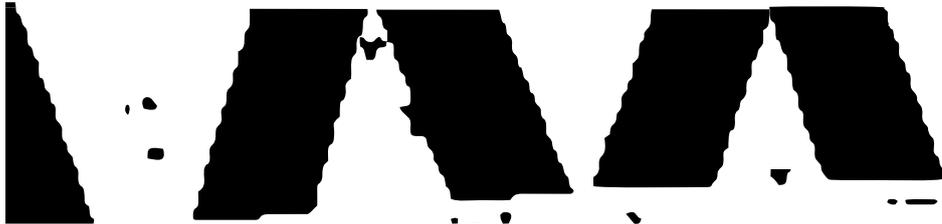
“FICO. Não consigo acompanhar a marcha do progresso de minha mulher ou sou uma grande múmia que só pensa em múmias mesmo vivas e lindas feito a minha mulher na sua louca disparada para o progresso. Tenho saudades como os cariocas do tempo em que eu me sentia e achava que era um guia de cegos. Depois começaram a ver, e, enquanto me contorcia de dores, o cacho de banana caía. De modo Q FICO sossegado por aqui mesmo enquanto dure. Ana é uma SANTA de véu e grinalda com um palhaço empacotado ao lado. Não acredito em amor de múmias, e é por isso que eu FICO e vou ficando por causa deste amor. Pra mim chega! Vocês aí, peço o favor de não sacudirem demais o Thiago. Ele pode acordar”.

editorial 002

12 DE OUTUBRO DIA NACIONAL DO FANZINE - "No dia 12 de outubro de 1965 Edson Rontani, jornalista, cartunista, ilustrador e radialista brasileiro, elaborou e publicou seu boletim 'Ficção', versando acerca de histórias em quadrinhos, com matérias sobre Alex Raymond, o criador de Flash Gordon. Mas foi depois, numa das correspondências de leitores a Rontani, que o pioneiro tupiniquim veio a saber que estava fazendo um FANZINE, termo que desconhecia, apesar dos zines já estarem circulando pelo mundo há mais de 30 anos (claro: a comunicação naquela época era limitada pois os computadores e redes virtuais de comunicação como a Internet ainda estavam sendo proto-planejadas). Assim, Edson Rontani, tendo tomado conhecimento do que fazia, seguiu criando seu segundo boletim simplesmente batizado como "Fanzine". (fonte: ANDRAUS, Gazy. In Impulso HQ - <http://migre.me/b7wry>)

editorial 003

“FICO. leia até seus olhos sangrarem...



Outras ^{Selo Editorial} *Dimensões*

CX Postal 15210 - RJ/RJ - 20031 - 971
outrasdimensoes@gmail.com
suplementoacre.blogspot.com
facebook.com/ameopoema

SUPLEMENTO ACRE
outubro, novembro e dezembro de 2015

tiragem infinita,

VÁRIOS COLABORADORES.

Capa: Arte em stencil. (Rômulo Ferreira)

criação de arte: Rômulo Ferreira

ONDE ENCONTRAR MAIS:

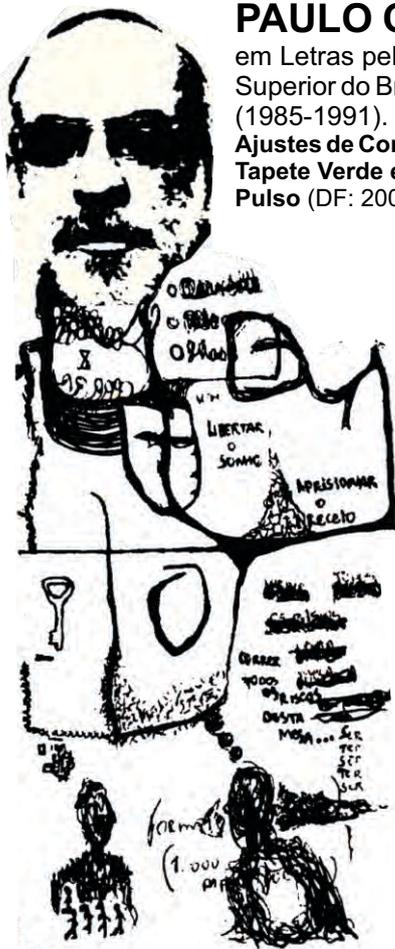
Ruas da Cidade, Recanto do Poeta (Lapa),

via Carta, com os participantes, Sarau AMEOPPOEMA, e etc...

investimento: valor indefinido grátis em formato e-book

NESTA EDICAO:

Torquato Neto, Mathes Mineiro, Paulo Cezar Alves Custódio,
Experimenta, Thayna Rosa, David Capirunas, Alexandra V. de Almenida,
Maria Cândida V. Frederico, Coletivo Coyote, Antônio Marcos de Abreu,
Luiz Otávio Oliiani, Lola Madison, Márcio SNO, Goma, Gazy Andraus,
Mostra Grampo, Zinescópio, Henrique Magalhães, Zineteca Resistência,
Zineteca Olho na Rua, Wallace Nunes, Jose Callado, Thamiros Aldrafon,
Filipe Rocha, Henrique Pakkatto, Jarina Menezes, Marcos Assis,
Diego El Khouri, AMEOPPOEMA, Fábio da Silva Barbosa, Lupin,
Denerval R. Cunha, Barata Zine (o primeiro e-fanzine do Brasil)



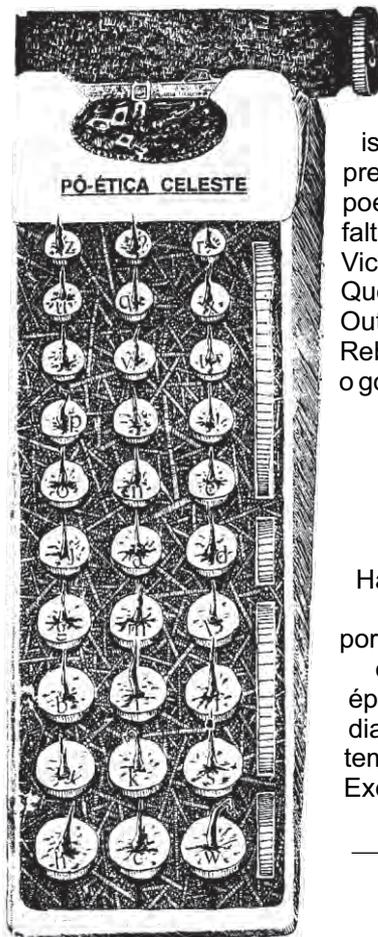
PAULO CEZAR ALVES CUSTÓDIO (Paco CAC) Nasceu no RJ em 1952. Formado em Letras pela UFRJ foi professor de Literatura Brasileira e Portuguesa do CESB – Centro de Ensino Superior do Brasil, Valparaíso, Goiás. Foi editor da revista Gandaia (RJ, 1976-1980), co-editor da Urbana (1985-1991). Dedicou sua vida ao estudo e arquivamento de revista literárias brasileiras. Publicou: **Ajustes de Contas** (RJ, 77), **O Pacífico é sempre Atlântico** (BH, 1984), **Coleção Primavera Verão Poesia** (RJ): **Tapete Verde** edições, 1988), **Pacto de Palavras** (120 exemplares numerados, ilustração Sônia Cruz, 93) **Pulso** (DF: 2004. Além de participar de diversas revistas e periódicos nacionais.

(intervenção sobre foto de Luiz Gruvinel - fb.com/experimetalismos)

“Paco viveu tudo. Paco morreu tudo. Trinta anos, ou mais, de estrada. Todas as andanças, todas as paragens. Sofregamente. Paixões, náuseas, esperanças, vertigens. As suas e as nossas. Do corpo e do tempo. Mas, depois de tudo, o que fica não é a saciedade, a consciência aplacada, não é a pretensa sabedoria do vivido Não é a maturidade. Em Paco, não. Depois de tudo, o que brota é a inocência. É uma outra inocência. / “Áspera e macia, / fenda de sol e frescor / Sobre o pilar.” / É a inocência (não ingênua: lúcida) que percorre, ainda e sempre, a bela Guanabara, sua e nossa, com um olhar inaugural, capaz de surpreender, por entre “mangues e palácios”, em meio às “vozes do fim”, o pulso insumisso da cidade, “os sons de toda paz que se faz” — o perene “hino das manhãs”. Só um eterno suburbano como Paco poderia subir, como ele sobe, o outeiro da Glória e de lá do alto fazer a “deus dos céus”, como ele faz, uma belíssima prece pagã”

escrevo porque é preciso
como um tiro
balido de cabrito
atrito
conrito
ruínas e ruídos
antigo mal dito repetido
todo silêncio neste grito

levo na bagagem
a camisa volta ao mundo
já puida que me deste nos anos 60
e o destino que escolhi:
detalhe que ninguém olha
caçador de coisas utópicas
mas guarde esses demorados beijos
junto da sua vitrola
vinho e tubo de cola
porque daqui a pouco
os sonhos podem se descolar da razão



O que me questiono, é como o poema, se estabelece como entidade espiritual temperamental nestes momentos, seja no suicídio, como foi Única Zuhr, Plath e Lessienin - como o poema tem brecha também em momentos hostis como os de Stella e Maura Lopes e Víctor Jara e Cruz e Sousa - como o poema tem brecha no isolamento e na solidão como foi Adalgisa Nery e Orides Fontella. Marrighela e Ossip foram presos e em sequencia assassinados logo depois que escreveram e publicaram certos poemas, a palavra poético contem um número atômico. Brodsky sobreviveu, exemplos não faltam.

Victor Jara escreveu SOMOS CINCO MIL duas horas antes de ser fuzilado.

Que radioatividade possui o poema, que entidade mística existe nesta palavra?

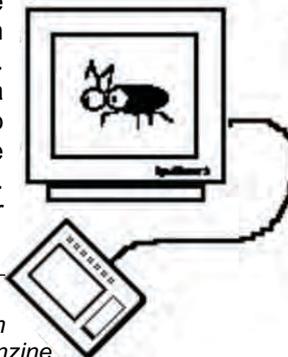
Outro sujeito, é o guatemalco, Otto Rene Castilos, poeta, incorporo a “las Fuerzas Armadas Rebeldes”, assassinado brutalmente pela força de segurança do estado. Algum tempo depois, o governo da Guatemala pede desculpas a família e as letras do país pela brutalidade.

enviado por:
Mateus José Mineiro

Barata Elétrica Fanzine

Há muito tempo atrás, antes do youtube, antes dos blogs, antes até mesmo do UOL, em 1994, aconteceu o primeiro fanzine em português a usar a internet como forma de difusão, o Barata Elétrica.

começou em 1994, sendo distribuído por correio eletrônico. Numa época em as pessoas estavam começando a usar computadores no dia a dia, o fanzine abordava temas como vírus, cultura alternativa e temas variados como evitar ser preso ou paquera para principiantes. Exemplo de one-man show, conseguiu uma legião de fãs, até perder espaço com a abertura da internet.



Derneval Rodrigues Cunha

derneval@gmail.com

<https://sites.google.com/site/barataeletricafanzine>

O POETA E O OPERÁRIO

A Maiakóvski

o que difere o
poeta do operário?

na maquinaria
o trabalho braçal
dá lugar à escolha
de substantivos
verbos
metáforas

se um carrega cimento
terra areia
o outro esculpe o ser
talha a essência

se um usa espaçador de piso
espátula roldana
o outro opera em silêncio
na construção do poema

Luiz Otávio Oliani
oliani528@uol.com.br

Cai a chuva no resto do mundo, lavando o que de sujo meus olhos não mais verão... Cínicos passos dados rumo a enérgicas pausas mentais. Só sei da saudade que ando sentindo de tempo de farta ideia matéria prima pra poema. Sinto que meus pés estarão molhados amanhã, logo o sol quebre este gelo que a noite deposita sobre os carros que dormem nas calçadas.

Acredito num monte de coisas estranhas, creio que acreditando as coisas ficam mais brandas e leves de se carregar. O amor que tenho é estranho também, estranha as coisas que estranhamente o mundo abandona. Preciso de tempo, preciso de tempo, tempo preciso te precisar, precisar preciso o tempo (...) Sei lá... lar, cada vez que vem uma ideia ela se desfaz no próximo movimento que teimoso teimo em pausar. Tenho pensado no voo, na coragem do voo aberto ao mundo, no pouso final, esta prisão é outra. embora possa correr feito louco pelas ruas, me sinto preso na matéria não tocável, na coisa que invade meus momentos de solidão.

SOS, grita o naufrago pro mar, o mar não, salva, e quem está nesta nau sem rumo sabe bem do que estou falando, gritando mudo nas entranhas da noite. Este computador sabe tudo que eu penso e não faz nada pra me ajudar.

Texto: **Rômulo Ferreira**
ilustrar-ção: **Lola Madison**
www.facebook.com/meusbixo



...O amor é imaturo, você é imaturo demais cara...
E com estas palavras nos despedimos um do outro sem ao menos olhar para trás.

Saímos, ambos com aquele gosto de vitória na boca que a gente carrega após de ter dito o que se deve numa conversa mais acalorada. Saímos ambos em direção ao abismo da sensatez dos segundos seguintes, do tempo de remexer e rever os pontos de vista...
Calma... Calma...

Conta até 3808 e respira fundo, e quando estiver contando prenda a respiração...
Pensa agora;

...Flores? Não nunca achamos que elas deveriam morrer para as pessoas enfeitarem suas salas de estar em solidão...

Chocolates? Obvio demais...

Ligar! Ligar?? Mas agora mesmo?

E se ele não atender? E se ele não quiser falar, os escorpianos são orgulhosos demais para querer dar o braço a torcer, mas posso tentar torcer minhas pernas nas dele e sei o ponto certo que ele gosta de ser apertado, sei as coisas as quais ele não resiste...

E se resistir pulo em seus braços e desmaio...
ah o amor, nos deixa em estado de imbecilidade...

- Mas é o que resta...
É o que resta?

Pessoas são como ilhas abandonadas cheias de estacas para se protegerem do mar...

Quem **escreveu** este texto teve um **enfarto** medíocre num dia de chuva
ilustra: Lupin, maravilhoso Lupin (facebook)



A trottoir poética carioca

*Maria Candida V. Frederico
(mestranda em Ciências Sociais PPCIS-UERJ)*

Certa vez, há alguns anos, (2005) quando eu iniciava o curso de Ciências Sociais, fui abordada na porta da Universidade por um artista. Este acontecimento me fez refletir durante muito tempo: mudou minha trajetória de interesse sobre os fenômenos da sociedade quando pude perceber que, de forma autônoma, indivíduos poderiam interferir nas relações de poder modificando suas regras e elaborando modos de vida inéditos. Além disso, outro aspecto da atuação deste artista me intrigava; tratava-se de uma relação entre a arte e a cidade, onde o espaço urbano em transformação – principalmente nesta época de grandes eventos na cidade do Rio de Janeiro – colocava a arte de rua em um patamar de classificação incômodo para os artistas e questionante para observadores interessados.

Estes artistas apresentam-se e mostram suas obras acompanhadas de uma justificativa que desarme o medo ou a pressa das pessoas que geralmente caminham pelo centro da cidade num ritmo frequentemente veloz. Os poetas informam que seus textos custam uma contribuição voluntária às pessoas que eles abordam, uma informação desestabilizante, que retira delas (pessoas) todo um padrão de valores que conhecem, principalmente quando os poetas, ainda assim, dizem: “Você paga o quanto achar que a arte vale”, ou “Qual é o valor da arte para você?”. Neste desembaraço, os poetas recebem desde moedas a notas de cinquenta reais, almoço em restaurante, bombom guardado na mochila e até abraço.

O território urbano, espaço individualizante, privado em extensões de limites de direitos, onde a atuação de sujeitos desviantes ocorre apesar das instituições repressivas do Estado, representa um mosaico de relações conflituosas e solidárias que permitem ou toleram subterfúgios para coexistirem. São semelhantes entre si por suas atuações, pela estética de seus livretos, pelos locais frequentados para abordagem, por suas posições frente ao mercado editorial, por um convívio boêmio e enfim, pela confusão que têm sobre quem são diante de uma esfera maior que as ruas do centro da cidade.

Dizem que o artista descansa enquanto trabalha e que trabalha enquanto descansa, seria verdade? Essa anedota reflete uma noção figurativa da atividade dos artistas, onde a composição de uma obra de arte não se assemelha a produção de um objeto vulgar fabricado e comercializado. O chamado ócio artístico é necessário à produção de um artista e não se trata somente de tempo livre, seria o tempo dedicado à produção de uma obra autoral desalienada, onde só aquela pessoa poderia, de acordo com as suas potencialidades, produzi-la. O poeta “trabalha” enquanto vive, produz o tempo todo e em hora nenhuma, então para ser possível entender a atuação do Poeta de Rua é preciso entender que ele não segue formalidades relacionadas ao campo de produção comum de produtos e que segue suas próprias regras. Mas como vive esse poeta que subverte as convenções? Os modos de vida de um artista devem pertencer à arte, devem servir para algo que, a princípio, não tem serventia, que está no campo das coisas suspensas pela rotina, inutilizáveis, contemplativas. Sendo assim, estes poetas que decidiram viver literalmente de poesia, comercializam, eles próprios, seus textos de forma

autônoma nas ruas da cidade do Rio de Janeiro e se deparam com uma realidade diferente daquela difundida pela mídia, daquelas pessoas sedentas por cultura, de um público consumidor de artes privatizadas.

Fugindo da oferta normativa de bens de consumo, a poesia de rua é mal compreendida, na verdade ela não é compreendida, fica em um campo de apreensão que pode classificar o poeta como camelô, como panfletista de porta de loja, como pedinte, mas dificilmente percebido a partir de um reconhecimento imediato de sua atuação quanto artista. O Poeta de Rua produz sua obra e a expõe ao público diariamente pela cidade por suas próprias mãos, olhando nos olhos de quem as compra, recebendo a resposta ali mesmo sobre o resultado de sua obra. Claro que tem aquelas pessoas que tiram o dinheiro do bolso e saem correndo sem nem olharem para o que adquiriram, mas essa circunstância do encontro, do contato direto da distribuição autônoma, permite um envio para o artista da necessidade de se apresentar orgulhoso de si e de seu trabalho.

As influências são muitas na composição de seus textos que refletem a história de vida de seus autores. Estas influências determinam a estética de seus trabalhos e de seus conteúdos. Se observarmos os cordéis e os zines punks, podemos reconhecer nos trabalhos dos Poetas de Rua uma imensa semelhança. Existe uma desconstrução destas duas linguagens e uma agregação de técnicas que se misturam e se transformam com visões atuais sobre um imaginário que se apresenta nestas obras de maneira híbrida. De todo modo, as obras dos Poetas de Rua são resultado de transformações sobre mídias que já existiam e invenções particulares só deles e bastante atual e urbana.

A utilização do meio de reprodução da Xerox é unânime, todos os poetas xerocam seus textos. Este meio da Xerox lembra imediatamente a Geração Mimeógrafo, pois levada em consideração as proporções mecânicas, são recursos de reprodução basicamente parecidos. Um recurso que torna o livreto barato, tornando a comercialização deste texto fácil à resposta financeira que ele encontrará nas ruas, além de ser um meio de garantir que todos os textos estejam sob a mesma forma estética entre si, não entre os textos de outros poetas, mas entre os exemplares de um mesmo autor, se tratando assim de uma tiragem.

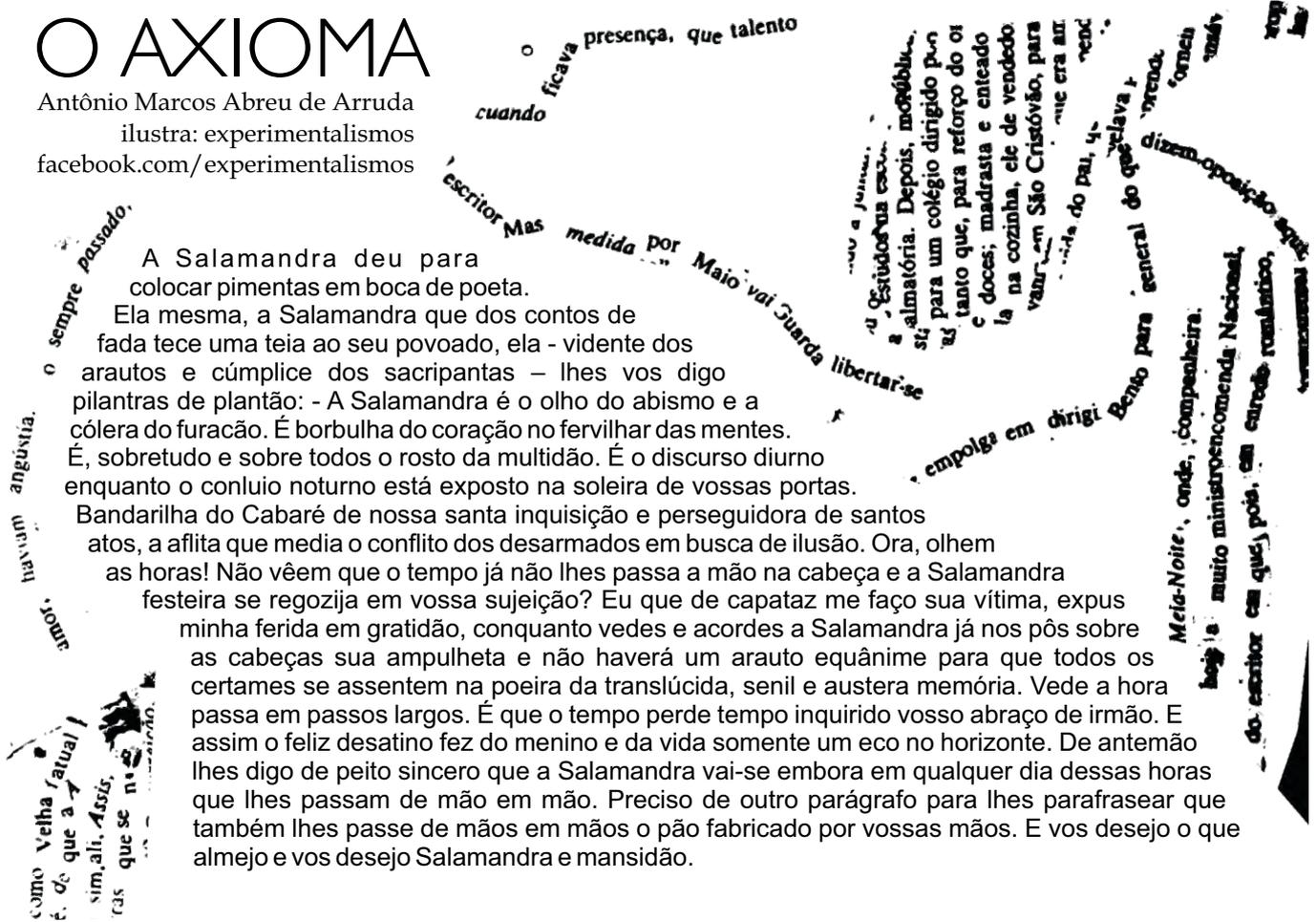
Quando Douglas Zunino, escritor querido, aponta os poetas de rua dizendo que “isto nunca existiu desta maneira”, significa que diante das experiências de movimentos artísticos ou estilos literários propriamente ditos (muitos observados por seus próprios olhos), nunca houve um grupo que se profissionalizou tanto, que se “proletarizou” tanto em função de sua arte, autonomamente, Zunino afirma que existe uma abordagem “frenética”, uma espécie de “camelô autoral”. Diante de sua fala, só me basta concordar despir meu discurso de definições. Os poetas de rua vivem a calçada, a Lapa, a Candelária e escrevem num pulsar que, sendo apreendido, compreendido ou classificado, inevitavelmente, (por sua natureza livre) se desfaz, cria rugas, e transgredir a qualquer observação taxativa ou aprisionante.



O AXIOMA

Antônio Marcos Abreu de Arruda
ilustra: experimentalismos
facebook.com/experimentalismos

A Salamandra deu para colocar pimentas em boca de poeta. Ela mesma, a Salamandra que dos contos de fada tece uma teia ao seu povoado, ela - vidente dos arautos e cúmplice dos sacripantas - lhes vos digo pilantras de plantão: - A Salamandra é o olho do abismo e a cólera do furacão. É borbulha do coração no fervilhar das mentes. É, sobretudo e sobre todos o rosto da multidão. É o discurso diurno enquanto o conluio noturno está exposto na soleira de vossas portas. Bandarilha do Cabaré de nossa santa inquisição e perseguidora de santos atos, a aflita que media o conflito dos desarmados em busca de ilusão. Ora, olhem as horas! Não vêem que o tempo já não lhes passa a mão na cabeça e a Salamandra festeira se regozija em vossa sujeição? Eu que de capataz me faço sua vítima, expus minha ferida em gratidão, conquanto vedes e acordes a Salamandra já nos pôs sobre as cabeças sua ampolheta e não haverá um arauto equânime para que todos os certames se assentem na poeira da translúcida, senil e austera memória. Vede a hora passa em passos largos. É que o tempo perde tempo inquirido vosso abraço de irmão. E assim o feliz desatino fez do menino e da vida somente um eco no horizonte. De antemão lhes digo de peito sincero que a Salamandra vai-se embora em qualquer dia dessas horas que lhes passam de mão em mão. Preciso de outro parágrafo para lhes parafrasear que também lhes passe de mãos em mãos o pão fabricado por vossas mãos. E vos desejo o que almejo e vos desejo Salamandra e mansidão.



como
é, de
sim, ali, Assis,
ras que se ne

haviam
angústia.

o sempre
passado,

quando
ficava presença, que talento

o escritor Mas
medida por
Maio vai guarda libertar-se

Estudiosa escu...
si para um colégio dirigido por
tão que, para reforço do oi
e doces; madrastra e enteado
na cozinha, ele de vendido
vaz em São Cristóvão, para
me era ar...
do pai, y...
Bento para general do que lava r...
empolga em dirigi

Méi-Noite, onde, companheira.
heij a muito ministério comenda Nacional,
do escritor em que, pois, em cardeais romântico,

AO BRUXO COM CARINHO

Ao Glauco Mattoso, o poeta da crueldade

Poeta em ditirâmbicos olhares
na métrica, rima, cadência ou samba
sabe que para fugir dos lugares
deve aventurar-se na corda bamba.

Dança dos aleijados da existência...
Teu cântico é febril, louco, latente,
a volúpia Sagrada e inconsequente
de quem xinga à Deus sua deficiência.

Come (!) como um profeta em fúria sã
o cão sublimar de loucos orgasmos
da pobre desordem da vida vã.

E sejas p'ra mim somente esse cego
preso na sorte da vida cristã
alimentando-se de porra e ego.

Diego El Khouri
molholivre.blogspot.com

AMEOPOEMA

facebook.com/ameopoema

Tesão

Fábio Barbosa
facebook.com/rebococaido

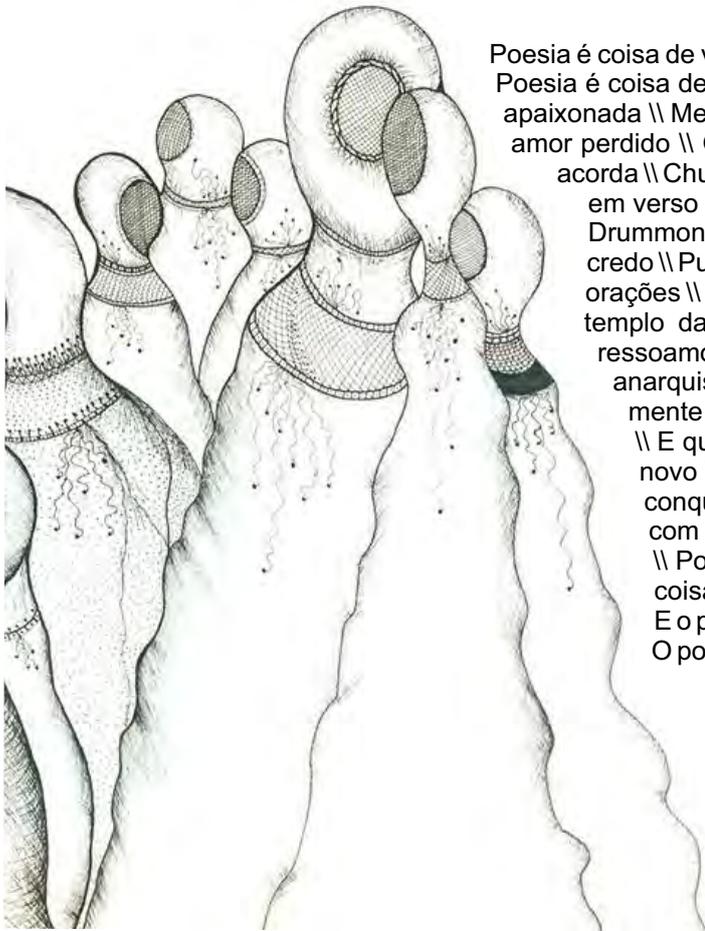
Ele chegou cedo à casa da namorada. Enquanto os pais da amada acabavam de arrumar no andar de cima e ela limpava a bunda depois de uma cagada daquelas que lambrecam todo o entorno, se acomodou no sofá. O jantar ainda demoraria um pouco.

Passados alguns minutos, Tristão, o cachorro da da família (um vira-lata imenso), entrou vagarosamente pela sala cheirando o ar como quem não queria nada. Veio até sua perna e cheirou. Distraído, pensando em como faria o pedido de noivado, fez um cafuné na cabeçorra da criatura. Em um salto repentino, Tristão agarrou sua perna e com movimentos repetidos, começou a esfregar a cabeça pontiaguda de seu órgão reprodutor. Chocado, o cavalheiro tentou tirar o mamute de cima da sua perna.

Tristão resistia bravamente, mas com doçura.

Não havia jeito. Mal conseguia afastar o cão e ele já voltava ofegante. Os anfitriões desceram e se espantaram com a estranha conduta do animal. Tentaram de tudo, mas era impossível tirar o cachorro de sua paixão. Por fim, o caso virou graça e o rapaz foi embora sem pedir a mão de sua amada. Tristão o acompanhou até o quintal, onde, depois de muita luta, conseguiram afastá-lo da lambuzada perna. Ao ouvir o bater do portão, o cachorro correu para as grades e ficou apreciando aquela perna se afastar. Passando por sua irmã gêmea, sumiu apressadamente pela rua.

O que restou foi um animal triste, sentado no portão.
Iria permanecer assim até a próxima visita.

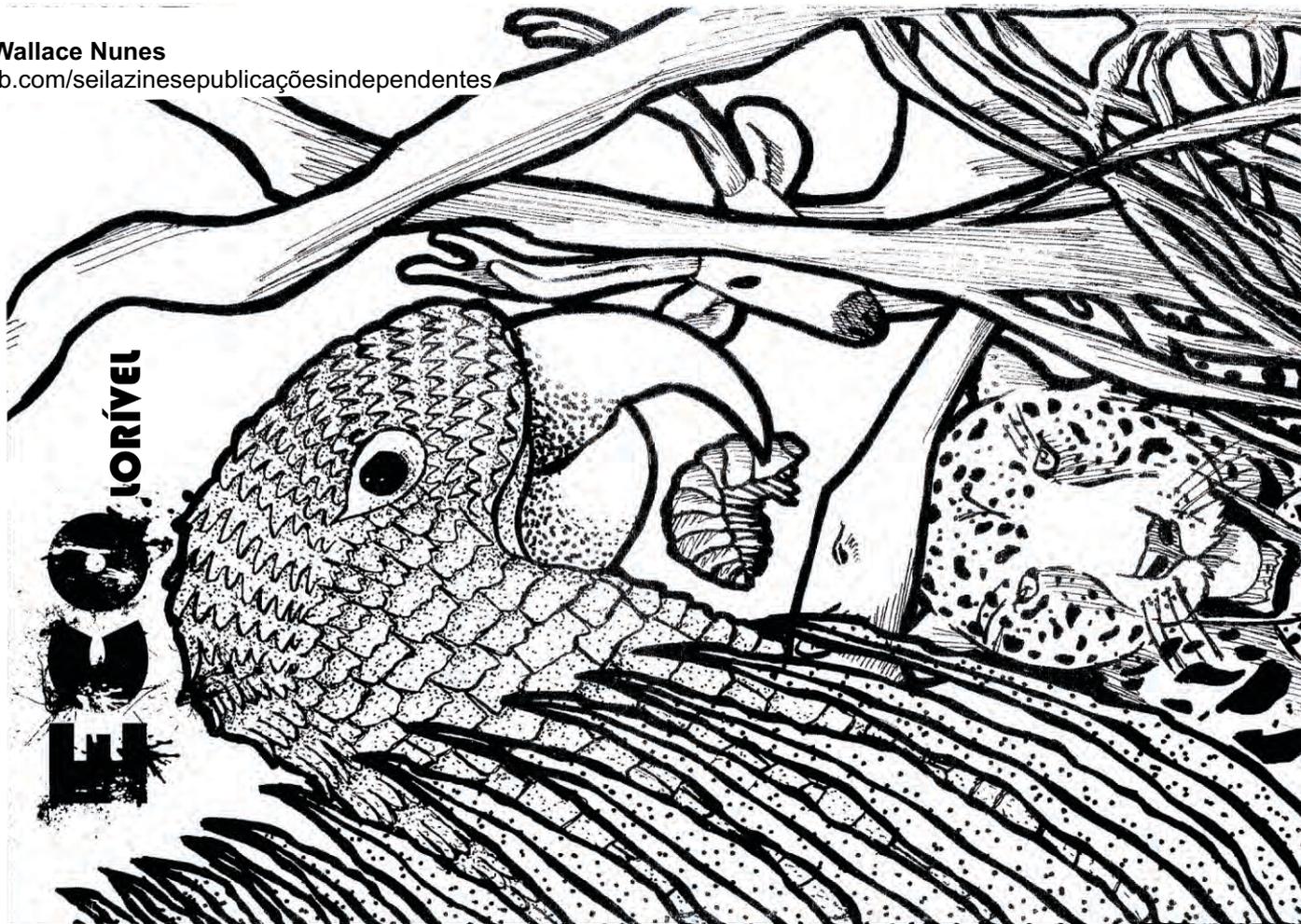


Poesia é coisa de viado \ Poesia é coisa de revoltado \ Poesia é coisa de maluco \ Poesia é coisa de vagabundo \ Poesia é coisa de recalçado \ É recado de gente apaixonada \ Menino tímido encantando a moça \ É noite de insônia \ Choro do amor perdido \ Gozo do conquistado \ É noite de insônia \ Poesia é grito que acorda \ Chuva de palavra que derrete ídolo de gesso \ É uma ideia esculpida em verso \ É a transformação, o inverso \ Coisa de Pessoas, Nerudas e Drummonds \ Mas também de cada pessoa \ Visão pessoal, epifania, credo \ Putaria, diário, mentira, desabafo, medo \ Versos que se juntam em orações \ Em estrofes \ Orações ao profano ou ao divino \ A minha alma é o templo da poesia \ E vossos olhos rezam a minha missa \ Quando ressoamos em convergência \ Sublime, banal, vil, irracional \ Política, anarquista, filosófica, pueril Amadora ou profissional Ela arrebatava a mente \ Bate junto com o peito \ Aponta ou aumenta o defeito do mundo \ E quando, animada, flerta com a música \ Traz de novo um mundo novo \ O recado do menino \ O choro do amor perdido \ O gozo do conquistado \ A noite de insônia \ Cuidado com a poesia \ Cuidado com a poesia \ Cuidado com a poesia \ Poesia é coisa de revoltado? \ Poesia é coisa de viado? \ Poesia é coisa de maluco? \ Poesia é coisa de vagabundo? \ Poesia é coisa de recalçado?
E o poeta?
O poeta é qualquer coisa Menos conivente

Henrique Santos
facebook.com/HenriqueSantosPakkatto
ilustração: Jarina Menezes (1976)

Wallace Nunes

[fb.com/seilazinesepublicaçõesindependentes](https://www.facebook.com/seilazinesepublicaçõesindependentes)



FE
!ORÍVEL

Tento, repenso, me perco em qualquer traço
Quanto me consome essa infinidade
Desvaio na poesia desta vida, caminho ao
infinito passo ante passo

Há no eterno, talvez, algum rabisco
Alguma luz, algum brilho
Ah! o rabisco,
o que só, de tudo que sou, me traduz o caminho raso
Sendo
Cada desenhos das letras o caminho para o acaso

E o acaso? Ah!
O acaso me exaspera
É, em mim, a fonte do talvez

A tudo em mim esse senhor governa
Faz de todo dia aquilo que sempre o peito
(o amor pelo que não rima)
Num afã magistral
Impera
O talvez

E assim, no eterno caminho para o acaso
Onde tudo que rabisco parece raso
Há um talvez para o que há de vir
Não espero que seja profundo
Mas que me valha ir até o fim

Thayna Rosa
thay_rosa_ynn@hotmail.com
David Capirunas



Dormindo no verbo logaritmo do vazio
espera o anoitecer em branco
Entre a verdade e a palavra
escolhe as letras equilibristas
que morrem no abismo
Mesmo o atalho para as pedras
o fez vacilar entre o gesto e a crença
Saliência de palavras
que mancha o papel taciturno
Na noite esquelética
os livros dão carne para os outros
ávidos por dançar no salão da matéria
O verbo se fez carne a matéria se fez
palavra
prestes a preencher a vida dos outros
inimigos da sombra
que se desfaz em sonho
Dorme na coagulação do sangue
corpo que se move no vazio
da atmosfera escassa do osso
Carnaliza os vazios da noite
para se fazer dia do verbo encarnado
Dorme, dorme e espera
na entrega do verbo
para os outros com insônia
O verbo se preenche de carne
manchando as páginas em branco
que esquálidas, tiram a fome
de anos e anos de espera.

Alexandra V. de Almeida
malabarismospoeticos.blogspot.com
Foto: Fanzine Frankstein 1993



aborto

COLETIVO COYOTE



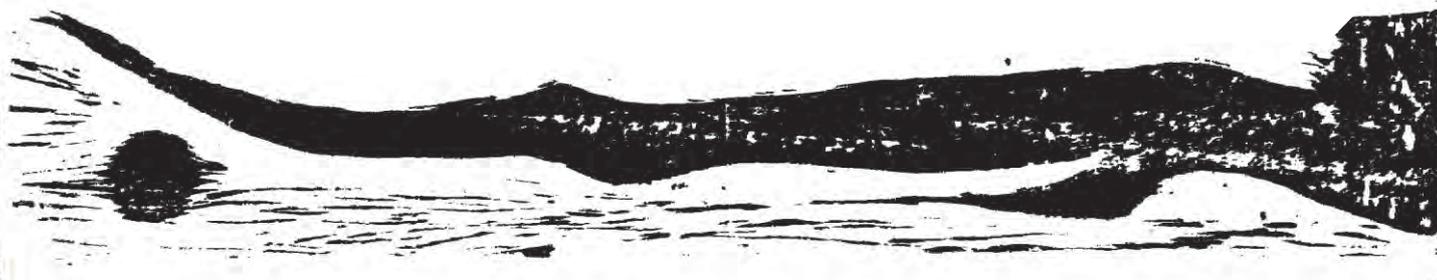
no chaprisco do mundo a gente raspa a cara, reza aquela ave maria cheia de arabescos, pra não cair nas suas mãos dos meninos que andam com suas facas tinido de tesão pelo bucho do opressor que sempre mostra sua fragilidade quando sente o metal invadindo seu corpo teso. Socorro! Grita o naufrago que queria fugir de suas dores, que quer fugir de si mesmo, eu mesmo, queria fugir de mim, também... Também quero ser naufrago, eu que nem sei nadar em piscinas de plástico. Sei nadar em nuvens vadias que andam enfeitando a tarde reta desta cidade que fica mais esquisita a cada dia que passa, a cada dia que vejo o sol despencando no horizonte em silêncio. Nunca mais o verei assim, deste mesmo modo. Cândido, embriagado de beleza. Sou escravo deste trabalho que me envolve o coração com lava rebuliça e estro de flores. Para os outros isso tudo nem existe, só o medo dos miseráveis, o sorriso dos oprimidos, o duro dia dos ônibus lotados de magra gente que leva seus ovos para mijarem pessoas em outras pessoas. O povo que gosta disso aqui, num tá com nada, o que serve é o outro, o que vai para os que dão forma ao poder podre, os que tem grana pra esfregar na cara de quem não tem nem bosta no cu pra cagar. Vou levar meus sonhos pra outro lugar dentro de mim, pois aqui fora está difícil ser alegre, tá complicado até mesmo ser triste, com alguma dignidade.

Ninguém está ouvindo este choro, nem a nossa senhora que me ensinou o que é pecado. Nem o cara que andou nas águas, e duplicou peixes e deu de beber a seus conhecidos numa festa na lapa deixada no passado. Vinho seco, alegre a doçura destes diamantes que me convidam para o banquete de restos. E sabe de uma coisa, sempre adorarei os Restos desta coisa que me joga ao lado dos bons.

José Callado \\[fb.com/ameopoema](https://www.facebook.com/ameopoema)



Foto: Filipe Rocha (modelo) ThAmiris Aldrafon



nesses dias onde a sede é coberta de penumbra
fico aqui

 encolho

do meu pequeno vejo

o espaço que se forma entre toda partícula
as enormes e complexas forças

do meu desafio vejo

o significado inexistente nessa reticula
então olho

do meu espaço seja

mais um que se perde

como aquela vez que alguém desfez

tudo que acumulei

em barro construído como pássaro

em seda envolvida em casulo

em teia conquistado meu território

nesses tempos onde a carne encoberta perfura

 finco aqui

 colho

do ser pequeno vejo

o padrão da vibração informa as queliceras

as longas e complexas cordas

como tudo que liquida dentro desta casca

nesses jogos onde o sangue transparece

 jogado nessa terra o que sobra

onde a descoberta cede à sombra

como a vasta obrigação de sobreviver

nesses complexos emaranhados

criados pelos padrões fenomenais

abro espaço

 meu olho

as breves e longas ondas

em ninho construído como pássaro

em folha enrolada em casulo

em furo fundo feito meu labirinto

 Marcos Assis

www.cardeo.blogspot.com

xilo: Rômulo Ferreira (s/título 2014)

Fanzine

Fanzine é uma abreviação de “fanatic magazine”, mais propriamente da aglutinação das iniciais da palavra FANatic com as últimas sílabas da palavra magaZINE (revista em inglês).

A sua origem encontra-se nos Estados Unidos por volta do ano de 1929. Seu uso foi marcante na Europa, especialmente na França, durante os movimentos de contra-cultura, de 1968.

Fanzine é, portanto, uma publicação independente, editada por um fan (fã, em português), com diversos fins e propostas. Trata-se de uma publicação despreziosa, as vezes sofisticada no aspecto gráfico, dependendo do poder econômico do respectivo editor (fanzineiro - acredito que seus principais interceptores se mesclam neste momento, pois quem edita um fanzine hoje amanhã estará lendo outro amanhã, e vice e versa).

Num fanzine cabem todos os tipos de temas, com especial incidência em histórias em quadrinhos, ficção científica +_+, poesia (literatura em geral), música, feminismo, vegetarianismo, veganismo, cinema, jogos, em padrões experimentais e etc.

Também se dedica à publicação de estudos sobre esses e outros temas, visto que o público interessado nestes fanzines é bastante diversificado no que se refere a gostos e idades, sendo errônea a ideia de que se destina apenas aos jovens, mesmo que estes sejam concretamente os que mais fazem uso desse meio de comunicação e o difundem.

O primeiro fanzine produzido em terra Brasilis que se tem notícia foi o “Ficção”, editado por Edson Rontani no ano de 1965 na cidade de





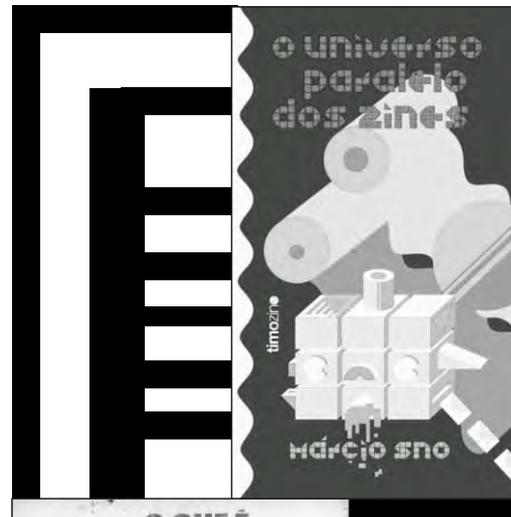
capa: Ficção - 1965

Piracicaba, interior de São Paulo. Criado em uma época que o termo que definia a produção independente restringia-se ao vocábulo "boletim", ou "informativo", o tal fanzine trazia textos informativos e uma interessante relação de publicações brasileiras de quadrinhos desde 1905.

A produção de fanzines no Brasil cresceu bastante desde o início dos anos 90, porém como observou Márcio SNO (zineiro e pesquisador), sofre uma forte e ascendente queda em finais da mesma década o final nos anos 1990, justamente quando se observa uma tentativa de popularização da internet , que com sua facilidade de expandir fronteiras acaba que freando, mas não matando uma cena de

produção de zines e afins.

Nos anos 2000 e pouco o fanzine ganha uma nova força de retomada, creio eu, que oriunda muito mais como uma certa reação de alguns artistas e público ao descaso das editoras com relação a produção de livros e revistas independentes. Contando também de forma massiva para a esta retomada "zinística": a alta nos preços dos livros e revistas editados por grandes e médias editoras - através um fanzine uma pessoa/editor pode alcançar um número de leitores muito mais elevado que os livros feitos por encomenda e ou manufaturados aos montes por tais grandes e médias editoras. Além da grande satisfação pessoal, dos baixos preços de produção e facilidade de circulação, nesta época a Carta Social (carta enviada de pessoa física para pessoa física onde se poderia enviar um limite de 5 cartas ((esquema facilmente burlado)) ao dia, e que custava 0,01 centavo - isso mesmo,





apenas um centavinho de real...) e nesta carta geralmente cabia um zine e uns flyers.

Os fanzines brasileiros possuem alto valor cultural e acabam, de certa forma, sempre incorporados à história dos quadrinhos brasileiros e/ou da imprensa punk/anarquista (tendo como ponto de vista uma cena mais musical que de diálogos de ideias, para princípio de movimento).

Também se aproxima bastante da Literatura de Cordel (mais por sua forma de circulação que por seu formato de impressão). A literatura de cordel é um dos ótimos exemplos desta forma de divulgar alguma ideia em grande escala e bem acessível a grande parte da população que nem sempre pode investir absurdos em livros e “material cultural”. Isso entra numa próxima conversa).

O que importa é que os Fanzines e toda a imprensa alternativa estão fervendo, centenas de feiras, mostras, colóquios, conversas acerca do mundo alternativo dos fanzines estão rolando brasil e mundo afora. ✓

MOSTRA GRAMPO DE ZINES & AFINS

A tal **Mostra Grampo de Fanzines e Afins** é uma série de eventos que pretendemos evadir pelo Brasil. Dentro da programação eterna e perambulante, várias palestras, oficinas, exibição de filmes, troca de ideias, feira de fanzines, exposições, venda de material independente, feitura de zines e afins.... Entre nessa!

ENDEREÇO PARA TROCA DE IDEIAS E SUGESTÕES:

Caixa Postal 15210 - RJ/RJ - CEP: 20031-971 (Brasil)
outrasdimensoes@gmail.com
Ou em mãos (21) 9-6822-3446

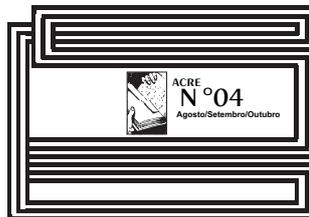
alguns bons contatos|

LEIA MAIS ZINES

<http://migre.me/b7wry>
www.vimeo.com/marciosno
www.fb.com/zinetecaalhoonarua
www.fb.com/zinetecaresistencia
zinescopio.com
mostragrampo.blogspot.com
fb/com/mostragrampo
e não deixe de ler.....:

“O que é Fanzine” de Henrique Magalhes e
“O Universo Paralelo dos Zines” de Márcio SNO

outras capas



➔ PRÓXIMA EDIÇÃO: Janeiro '16

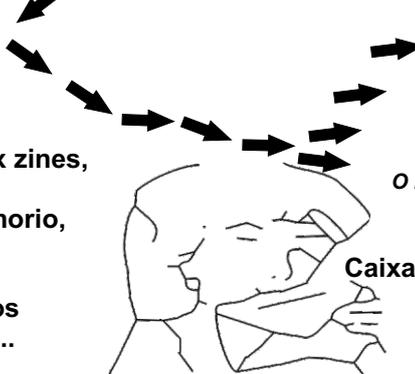
O SUPLEMENTO ACRE é uma publicação independente (fanzine) que sobrevive às custas de contribuições livres arrecadadas por pessoas que acreditam que a arte e a literatura podem, sim, ajudar a mudar este mundo de merda. Tiragem inicial 1000 exemplares na praça, capa em papel kraft Acabamento grampeado/arte da capa em stencil e colagem. suplementoacre.blogspot.com fontes variadas, ilustrações cedidas pelos autores, obrigado a todo mundo que acredita. trabalho TOTALMENTE editado e montado em casa!!!!

ilustração da folha de rosto:
foto-poema Rômulo Ferreira
facebook.com/experimentalismos

RECEBEMOS

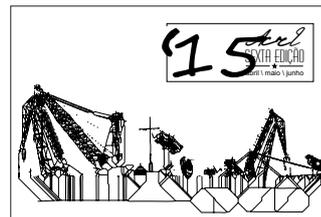
xx cartas, xx e-mails, xx livros, xx zines,
xx dinheiros na conta,
3 cartas da light, 3 cartas do senhorio,
e umas porradas da vida
...
perdemos os números, devido aos recebimentos da mostra grampo...

PARTICIPE! MANDE SEU MATERIAL



//// edições anteriores (17,00 cada)
O EDITOR TEM QUE FICAR VIVO, PRA TER MAIS!
outrasdimensoes@gmail.com//OU
0800 em suplementoacre.blogspot
Caixa Postal 15210 - RJ/RJ cep: 20031-971

**CONTRIBUIÇÕES LIVRES: Banco do Brasil
Ag. 0473-1 Conta Poup. 16197-7 VARIÇÃO 51**



trilha sonora desta edição:
soda stereo, ...

